

Diálogos de um acervo

Esta seleção de imagens, desenhos, fotografias, gravuras, pinturas, objetos e esculturas, estes últimos incluídos em um DVD a parte, tiveram origem numa análise do acervo pertencente à Prefeitura Municipal de Curitiba, isto é, são obras que estão freqüentemente expostas ou cujo acesso a elas é facilitado pela presença contínua em Curitiba. Isto favorece ao professor de arte a aproximação direta com a obra do artista, fato importantíssimo para o desenvolvimento da percepção estética do indivíduo.

Com menos intensidade para a fotografia e a gravura, mais para o desenho, a pintura e a escultura, que quase na totalidade dos casos são obras únicas e, para as quais, o artista escolheu uma dimensão ou um espaço apropriado de exposição, ou mesmo determinou a maneira como o espectador deve observá-la; a reprodução em livro, por exemplo, nos dá a indicação da obra, mas não possibilita a total fruição estética que o original provoca.

Mas mesmo no caso da fotografia, que é uma forma de arte que permite ser reproduzida em série, o tamanho da imagem que o artista escolheu para que o observador a veja se torna quase impossível na obra impressa. Quando a presença diante da obra é possível, nada mais justifica observarmos a cópia impressa e não o original.

Este material, que ora chega às mãos dos professores, foi desenvolvido com a intenção de criar uma espécie de "museu imaginário" em todas as escolas a partir dos Museus reais do Município de

Curitiba. Cada prancha, que reproduz obra desse acervo, serve de ponte e é um material intermediário, no processo de análise em sala de aula. O professor assim pode utilizar obras que estão disponíveis para serem vistas respeitando a vontade original do artista.

O Município de Curitiba, através dos seus organismos culturais, guarda ou expõe obras-chaves para compreensão da história da arte sobretudo regional ou nacional, mas também com alguns exemplos internacionais relevantes.

Mesmo que este conjunto possa revelar um caminho na história da arte, esta não foi a intenção inicial da seleção. Para enfatizar a unidade deste conjunto, partiu-se de uma análise do desenvolvimento de nosso imaginário, na tentativa de restituir as transformações sofridas nos valores simbólicos originais destas imagens. Para Durand (1997, p. 14), o imaginário "é o conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*", que se manifestou também como atividade transformadora do mundo ou como imaginação criadora. Lacan (1998) entende o imaginário como correspondente da sua "fase do espelho", quando a criança pequena se reconhece ao descobrir seu reflexo.

O imaginário sendo produto e função da imaginação, acaba por incorporar e construir o real, como mediador da realidade, conforme Sartre (1996). Se a imagem no espelho afirma a realidade do "eu" na criança, é preciso que ela abandone este

caráter de ilusão para alcançar a realidade e isto se dá através do modo simbólico, concordando com Lacan (1998). Portanto a arte é assim, a grande parceira nesta transformação da ilusão em realidade, entre o imaginário e o simbólico.

O desenvolvimento do imaginário nos conduz, primeiramente, ao mito que festeja o seu surgimento em sua exterioridade, os **mitos** e os **ritos**, sejam eles os ritos do nosso **cotidiano** ou os **rituais** que nos são impostos pela sociedade. De posse desse rico acervo e encontrado um dos caminhos possíveis para o seu conhecimento, os temas começaram a ser determinados.

Quando se quer compreender a obra de arte como obra, o valor estético é interpretado pela filosofia que levanta todos os problemas que gravitam em torno dos conceitos de sujeito e objeto. Com o afastamento do sujeito do objeto, o assunto da obra é sua forma: surgem as **abstrações**.

O **corpo** humano sempre foi apresentado na arte, seja como objeto de representação ou assunto da obra pintada, esculpida ou fotografada. Aqui o corpo foi tratado principalmente como tema, partindo da idéia do **espelho**, da **criança**, da **figura** humana, do **retrato** e do auto-retrato; os **lugares**, externos ou internos, mas principalmente as **janelas**, uma das importantes metáforas da pintura, o conceito que surge no Renascimento com a chamada "janela de Alberti" (de Leon Baptista Alberti, arquiteto e teórico do *Quattrocento* florentino).

A **natureza** sempre esteve no centro das preocupações dos artistas, às vezes idealizada, por vezes simbólica ou mesmo realista, foi a **paisagem** que sempre possibilitou numerosas interpretações. Na natureza ainda são os **animais** que encantam ou amedrontam os homens, mas eles sempre são as inspirações dos artistas. Para bem retratar a natureza

é preciso saber observá-la atentamente, depois da figura humana, foi o animal quem mais lhe atraiu a atenção desde as épocas pré-históricas. Mas vivemos num mundo de **objetos**, cercado por eles, eles nos servem mas, em muita quantidade, também nos atrapalham, razão pela qual nos conduzem à reflexão.

Esta seleção cobre um período de tempo relativamente longo, vem desde os inícios do século XIX, quando Jean-Baptiste Debret, artista da Missão Francesa no Brasil, passou pelo estado do Paraná (c. 1827) e deixou registros dessa passagem, até obras recentes que entraram no acervo em torno do ano 2000. Mas não houve a intenção de construir uma história da arte, por mais modesta que ela fosse, mas tentou-se representar as mais diversas linguagens da arte, fornecer dados para a pesquisa tanto de professores quanto de estudantes de artes do ensino fundamental.

Partindo do museu, lugar tradicional de apresentação da arte, buscou-se os espaços públicos, ou mesmo os privados, internos ou externos, que a arte tem ocupado, com a intenção de provocar um olhar atento principalmente aos espaços urbanos na apreciação dos monumentos, da arte da rua, da arte mural ou dos grafites e das interferências urbanas, para de novo chegarmos aos espaços privilegiados de exposição, onde são mais claros os diálogos que ocorrem com as obras entre si ou entre elas e estes espaços.

Da Curitiba da *Belle Époque*, aos trabalhos de Picasso ou Andy Warhol, chegamos até os nossos dias com um substancial acervo de artes visuais que não pode ser desconhecido dos curitibanos e que é um fecundo material para os professores provocarem os diálogos interdisciplinares tão importantes nas salas de aula.